

## PROJETOS DE VIDA E OS DESAFIOS PARA UMA EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA AOS JOVENS DE PERIFERIAS E FAVALAS: EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS DE UMA PEDAGOGA SOCIAL

**Adriana Frossard Borges<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

#### **PALAVRAS CHAVE**

Educação - Juventudes - Desigualdade social – Projetos de Vida

“(...) Muda que quando a gente muda o mundo muda com a gente; a gente muda o mundo na mudança da mente e quando a mente muda a gente anda pra frente”.  
(Gabriel Pensador).<sup>2</sup>

#### **Contextualização**

Com a temática deste estudo, analisando um trecho da canção acima, “quando a mente muda a gente anda pra frente” reflito sobre à minha história pessoal, profissional e acadêmica. Fui aluna de escola pública durante toda a fase de educação básica, com privilégios de uma mulher cisgênero branca, mas com dificuldades socioeconômicas por ser de uma família pobre, residindo num território muito precário e longe do centro da cidade, onde vivenciei situações de exclusão e preconceitos, por morar

---

<sup>1</sup>Citar como: FROSSARD, Adriana A.

<sup>2</sup> Trecho da canção Até quando? Do rapper brasileiro Gabriel O Pensador, 2001).



nesta localidade, onde se observava a falta de direitos básicos como saneamento básico, água encanada, iluminação pública, serviços de telefonia e acesso à saúde.

Essa canção reafirma o poder da educação de transformar realidades. Depositei minhas forças na educação, como possibilidade de mudança, mesmo diante das dificuldades de acesso e de permanência à escola.

Assim, como milhares de brasileiros, trabalhava durante o dia e estudava à noite em uma escola pública bem longe do meu bairro. Trata-se, em verdade, de um exemplo de acesso negado. E um dos princípios básicos do Direito à Educação previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) pela Lei Federal 8.069, de 13 de julho de 1990, bem como na Constituição Brasileira de 1988 Portal MEC, 2022), que cita:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I – Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

Considero que o caminho que tracei poderia ter sido menos doloroso e cansativo, mas felizmente passei nos testes de resiliência, encorajada a buscar meus sonhos e objetivos.

Minha aproximação e interesse pelas favelas, se deu, primeiramente quando criei um projeto social na minha cidade na juventude e posteriormente, já como profissional em pedagogia atuando nas favelas e periferias, onde tive mais oportunidades de vivenciar os efeitos da desigualdade social como falta de políticas públicas e de acesso aos direitos básicos essenciais, violência e insegurança.

Em 2007, iniciei os meus estudos sobre vulnerabilidades sociais por meio do grupo de ensino, pesquisa e extensão de formação inicial e permanente de educadores de crianças em situação de vulnerabilidade social com trabalhos e pesquisas realizadas pelo Projeto PIPAS (CNPQ, 2006) da Universidade Federal Fluminense (UFF). A pedagogia social parte de um princípio geral, ou seja, para que haja



mudança na sociedade é necessário incorporar estratégias educativas que facilitem a transformação social. Em outras palavras, não há mudança social sem educação (Conceito.com, 2022).

Em 2012, essa experiência favoreceu minha entrada e atuação profissional no Serviço Social da Indústria - SESI<sup>1</sup> pela FIRJAN<sup>2</sup>. Onde atuei como coordenadora pedagógica na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em turmas das favelas pacificadas da Zona Sul do Rio de Janeiro e 2017, no Programa ViraVida, do Conselho Nacional do SESI, na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, como Analista de Projetos Especiais. O Programa ViraVida, possui uma tecnologia própria e tem como objetivo principal promover a elevação da autoestima e da escolaridade e, por conseguinte, a inserção no mercado de trabalho dos adolescentes e jovens participantes, para que, desvendando os próprios potenciais, conquistem autonomia.

Inicialmente, o Programa tinha um recorte muito específico: adolescentes e jovens de 15 a 22 anos, envolvidos em histórico de situação de Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes - ESCCA, tendo se qualificado no apoio das políticas públicas oferecendo alternativas concretas de profissionalização e empregabilidade de jovens que se encontravam na prática de ESCCA, posteriormente ampliando o atendimento para todos os tipos de violações e vulnerabilidade sociais.

Em 2020, começo a atuar também no projeto de Oficinas de Desenvolvimento Humano, através da parceria entre o SESI e as Forças Armadas do Brasil através de um projeto social destinado ao atendimento de crianças, adolescentes e jovens, em situação de vulnerabilidade social, com finalidade de promover a valorização da pessoa, reduzir riscos sociais e fortalecer a cidadania, a inclusão e a integração social dos beneficiados, por meio do acesso à prática de atividades esportivas e físicas saudáveis e de atividades socialmente inclusivas, realizadas no contraturno escolar.

---

<sup>1</sup> Criado em 1º julho de 1946, o SESI atua em 26 estados e Distrito Federal, é uma Instituição de direito privado, mantida e administrada pela indústria nacional no sentido de melhorar a qualidade da educação e elevar a escolaridade dos brasileiros (Portal da Indústria, 2020).

<sup>2</sup> Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro.



Nas oficinas intituladas de Desenvolvimento Humano, é realizado um trabalho a partir de duas áreas: Empregabilidade e Pedagogia – “*Empregadogia*”, com atividades socioemocionais, projetos de vida e mundo do trabalho.

Ao atuar diretamente com jovens nas favelas, veio à tona o desejo de compreender mais minhas inquietações. Evidencia-se, portanto, na breve narrativa, que a minha história profissional e acadêmica se confunde e que, justamente por isso, suscitaron o meu interesse pelo trabalho com jovens em vulnerabilidade social.

Tenho certeza de que os bons professores que passaram por mim fizeram a diferença nessa trajetória. Educadores que buscavam mesmo diante de toda precariedade, mostrar caminhos, encorajar, acolher e desenvolver meus projetos de vida. Que contribuíram e muito em como lidar com os desafios - com nosso maior trunfo: a formação humana – do educador e do educando e suas histórias de vida. Com práticas em Pedagogia Social na busca de uma educação significativa, transformadora e permanente. Recorro ao mestre Pierre Furter em sua definição: “A Educação Permanente é uma concepção dialética da educação, como um duplo processo de aprofundamento, tanto da experiência pessoal quanto da vida social global, que se traduz pela participação efetiva, ativa e responsável de cada sujeito envolvido, qualquer que seja a etapa da existência em que esteja vivendo”. (Furter, 1968, p, 136-137). Dialética essa, que busca a emancipação do sujeito e sua libertação por meio de uma educação integral, experienciada, que faça sentido e que através das ideias defendidas, das experiências vividas possa transformar a vida do sujeito. Somos eternos aprendizes, em todas as etapas de nossas vidas, com nossas potencialidades e fraquezas.

Através da minha pesquisa do mestrado em Política Públicas em Direitos Humanos pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ) pude conhecer os “projetos de vida” dos jovens da Rocinha através da dissertação: Quem se importa? Jovens em vulnerabilidade social e seus projetos de vida, me envolvendo e sensibilizando com as lutas que os jovens excluídos socialmente travam todos os dias e com os seus projetos de vida.



Neste sentido, as políticas educacionais precisam atentar para as perdas advindas dos sofrimentos sociais, psíquicos ou subjetivos, pois estas são as formas de precarização simbólica do capital escolar (Bourdieu, 2007), nas quais a representação social da Educação se deteriora, selecionando uns e excluindo outros do processo de escolarização.

Pode-se afirmar que projeto de vida é um processo de autoconhecimento para identificar as habilidades, as competências e os pontos que precisam desenvolver com planejamentos para guiá-los à conquista das metas e os caminhos a se percorrer. Mas para tanto, os jovens necessitam de oportunidades para exercerem suas escolhas.

## Propósitos

Diante do exposto, os objetivos deste estudo compreendem: a) conceituar Projetos de Vida e compreender a condição de vulnerabilidade e suas implicações na vida dos jovens de 15 a 22 anos do Programa ViraVida e Projeto de DH<sup>1</sup> em Instituições parceiras b) Refletir sobre o direito à educação e a função social da educação para o desenvolvimento dos jovens em vulnerabilidade social; c) Refletir sobre as práticas de Pedagogia Social em torno de uma educação sociocultural.

## Estratégias de Intervenção

A pesquisa apresenta as seguintes indagações (problemas): *Quais são os projetos de vida desses jovens? Práticas em pedagogia Social contribuem para o trabalho socioeducativo nas favelas? Como conciliar teoria – prática – ação para uma educação transformadora?*

Justifica-se, portanto, que a escolha em pesquisar os efeitos da desigualdade social, educação transformadora, pedagogia social, projetos de vida, juventude e direitos humanos não é somente um desdobramento da minha trajetória e prática. São temáticas que foram inspirações para o estudo e são

---

<sup>1</sup> Desenvolvimento Humano;



de suma importância para minha atuação profissional. Apresento um recorte deste estudo, a partir da poesia a seguir:

*Rocinha, a maior favela do Brasil em densidade populacional, com seus becos, escadarias, ruas estreitas e vielas, pessoas transitando junto com veículos, motos e bicicletas, num movimento constante; uma comunidade com histórias de luta e de resistência, de choro e de sangue, de brilho, aplausos e conquistas. Rocinha com aproximadamente 200 mil moradores, é um bairro! (...) Uma favela que tenta todos os dias sobreviver a um dos Índices Desenvolvimento Humano mais baixos da cidade, que todos os dias o morador ao descer para o asfalto, percebe o contraste de prédios, vidas e contraste de oportunidades. O olhar da desigualdade; Rocinha das enchentes, tragédias, tiros, fogos e alto índice de Tuberculose por conta da estrutura, arquitetura, crescimento desordenado e vertical. Falando em arquitetura, Rocinha, que linda! Tem uma passarela que liga a favela à Vila Olímpica e projetada pelo consagrado arquiteto Oscar Niemeyer um símbolo da comunidade. (...) Rocinha, uma favela como tantas outras no nosso Brasil, com gente guerreira, que levanta a cada dia, “sacode a poeira e dá a volta por cima”.*

*Rocinha que tanto me acolheu e me acolhe nos braços de jovens sofridos (...) Jovens que representam 57% dos 200.000 habitantes até 29 anos. Mas que para nossa tristeza, acima de 15 anos ou mais, 7% não foram alfabetizados. Uma idade tão vulnerável, que precisa de acolhimento e cuidado(...); Rocinha, que clama por oportunidades através da educação e do direito à uma vida digna e melhor, que numa pesquisa menciona estar perdendo a esperança frente às políticas públicas, perdendo a confiança nos líderes governistas e tantas outras lideranças.*



*Rocinha, com suas crianças e jovens espero que renove a esperança, mesmo que ainda, com suas mazelas, precisem lidar, mas sabendo dos seus direitos, fortalecidos, com possibilidades de escolha, sonhos e projetos de vida possam alcançar<sup>1</sup>.*

## Desenvolvimento de Experiência

Jovens moradores de favela representam um público diverso e com diferentes trajetórias de vida, mas alvos de homogeneização e preconceito, por meio de estereótipos relacionados à carência, delinquência e falta de interesse.

As subjetividades produzidas em relação a esse público também legitimam um processo de criminalização que articula pobreza, periculosidade e uma imagem de não humanidade, fomentando situações de desigualdade social, vulnerabilidade e extermínio (COIMBRA, 2003, apud ALMEIDA, 2018 p.74).

Discutir sobre juventude moradora de favela também significa refletir sobre como as questões relacionadas à desigualdade social atravessam as experiências do ser jovem, ressaltando que o Brasil está entre os países mais desiguais do mundo (OXFAM BRASIL, 2017). As condições de vida desiguais provocam violações de direito, exclusão social, desigualdade econômica na distribuição de renda, desigualdade social, política, desigualdade no acesso à saúde, segurança, educação, cultura, moradia, de bem-estar.

Deste modo, o que é ser jovem na favela? A socióloga Helena Abramo (2004 p.40 - 41) afirma que ser jovem vai além do período da idade, devendo ainda ter autonomia e poder exercê-la através do seu

---

<sup>1</sup> Adriana Frossard Borges, numa madrugada, em maio de 2020, íntegra da poesia publicada na Dissertação de Mestrado: “Quem se importa? Projetos de vida de jovens em vulnerabilidade social.



próprio sustento e trabalho, da sua participação cidadã e no cuidado com os outros. Pesquisar sobre os jovens das favelas e periferias é pensar como essas juventudes possuem lutas iguais e desafios diferentes para enfrentar. E como uma atuação humanizada, acolhedora, sociocultural pode contribuir para os confrontos, suas conquistas e projetos de vida.

De acordo com Sposito (2003), várias situações existenciais afetam os jovens, especialmente quando se fala de jovens pobres, moradores da favela, pois o modo de ser do jovem tem muito a ver com a qualidade de vida, cultura e educação. Ou seja, com a realidade vivida e enfrentada.

Furter (1974 p. 152-153) cita a necessidade de uma política para além do capital humano relacionado à economia. Ultrapassando o desenvolvimento como “sujeitos críticos” à participação social, chegando à uma ‘política cultural’ que considere o conjunto das populações como agentes, autores e criadores responsáveis do desenvolvimento.

Deste modo, é de suma importância que a política cultural na perspectiva de orientar reconhecer, de proteger e de estimular o desenvolvimento humano, pelos grupos, ONG'S, Instituições públicas e privadas estejam previstas o dia a dia desses jovens. Seja nas aulas, nos atendimentos e atividades culturais.

A dura realidade que os jovens da favela passam, retrata uma luta diária, com falta de acesso aos direitos humanos essenciais. Uma realidade que ainda assim, apresenta esperança por dias melhores, que mesmo exigindo muita resiliência. Em uma das atividades de projeto de vida, sobre como a situação do local onde moram e o dia a dia na favela exige um jovem escreve:

Eu moro na Roupa Suja. Tenho que subir a pé todos os dias porque lá não passa moto, ônibus, nem van, e isso é muito chato e para chegar na minha casa tem dois caminhos: o caminho que sobe mais e que tem mais escadas e tem um esgoto infernal, já o outro sobe menos, porém tem muitos bandidos armados e muitas vezes ficamos sem opção. Essa realidade exige de mim, esforço, força de vontade para conseguir lidar com isso



tudo, e muitas vezes dá vontade de largar tudo, ficar em casa e não sair mais. Aí lembro que minha família e esse Brasil precisa de mim!<sup>1</sup>

Toda essa desigualdade é sentida e sofrida no dia a dia dos socialmente vulneráveis. Temos uma lei completa que assegura os Direitos da Juventude e que deve ser aplicada por todos os entes federativos: União, Estados, Distrito Federal e Municípios. Entretanto, na realidade, muitos desses direitos não chegam a esses jovens, que são colocados à margem da sociedade.

Em seu depoimento de P.E.G. Manoel, nos demonstra quantos direitos estão sendo negados cotidianamente. “Se apegue à Deus, à sua fé para não desistir e tentar seguir o melhor caminho”. Busca na Educação, e na sua capacidade de resiliência, forças para prosseguir. Quer ajudar sua família e contribuir com o nosso país!

Os direitos humanos se juntam à pedagogia social para fazer valer as práticas de educação cidadã, de uma educação transformadora. O conceito da Pedagogia Social se estabelece a partir da junção das áreas de Pedagogia e das Ciências Sociais com o objetivo de romper as barreiras da exclusão que afastam o indivíduo de uma aprendizagem viva e significativa, que potencialize seus aprendizados, suas vivências e a bagagem cultural em acordo com a realidade vivida.

O conceito de exclusão social encontra-se intrinsecamente vinculado à pobreza e à desigualdade por não propiciar a efetivação da cidadania, o acesso aos direitos e à participação social [...]. A exclusão perpassa o não acesso às condições dignas da vida humana no plano social, cultural, afetivo, econômico etc. São os privados dos direitos fundamentais básicos da existência humana, como a habitação, a educação, a saúde, o trabalho, o lazer etc. (GRACIANI, 2014, p.15).

---

<sup>1</sup> P.E.G. Manoel, aluno do programa ViraVida - Rocinha, turma da tarde, evangélico, 16 anos.



GRACIANI (2014), em seus textos, cita quanto são os danos para a vida dos excluídos, que têm cada vez mais sua autoestima diminuída e não se sentem parte de um todo como cidadãos. Fundamenta a importância de práticas da Pedagogia Social na atuação com os jovens e reafirma a importância de ações e caminhos que desenvolvam atividades que contribuam para o desenvolvimento do indivíduo de forma integral, propondo discussões sobre acesso aos direitos e deveres do cidadão.

Segundo Graciani (2014), a Pedagogia Social tem como objetivo o desenvolvimento humano de forma integral com base nos seguintes pilares: autoconhecimento, autoavaliação, autoconceito, autoconfiança, auto projeção, autotelia, autopreservação e autorrealização, deste modo, consegue deixar claro a importância do sujeito se conhecer, se amar, ter confiança em si mesmo, traçar o seu projeto de vida, encontrar propósitos, tomar partido posicionando-se, ser resiliente e, por fim, mas não menos importante, ter consciência da importância de prosseguir.

São pilares desenvolvidos nas aulas e oficinas de Projetos de vida e de Empregadogia com temáticas dividido em eixos como: “As dores e delícias de ser quem eu sou – exercitando o autoconhecimento”, “Saúde, redes de apoio e bem-estar”, “Redes, direitos e educação como valor”, “Rodas de conversas e terapias”, “Aprendendo a aprender”, “Qual é a minha? Entendendo sobre orientação profissional” e “Oportunidades e desafios do mundo do trabalho”

Ao favorecer e incentivar o protagonismo do jovem, é possível estimulá-los a realizar suas próprias reflexões, a despertar a criticidade, a pensar meios de intervenções sobre o contexto no qual estão inseridos. Esse pensar sobre as questões sociais, políticas e a realidade econômica, como o processo de humanização dos alunos, faz parte da promoção do aprendizado e do desenvolvimento crítico e emancipador do mesmo; processo se faz na ação dialógica de Paulo Freire (2013).

A promoção de novas práticas educacionais como, por exemplo, as não formais são importantes, pois, de acordo com Araújo (2013 *apud* Damon 2009), os jovens estão precisando encontrar seu projeto vital. Um propósito pode organizar uma vida inteira, trazendo mais sentido, inspiração e entusiasmo para prosseguir aprendendo e conquistando objetivos.



William Damon (2009), com estudos pioneiros sobre “propósitos de vida”, ao realizar uma pesquisa sobre os projetos vitais dos jovens, uma vez que a juventude americana apresentava um grande índice de indivíduos sem planos ou projetos de vida, demonstra a partir do campo da Psicologia Positiva, como as experiências sociais e culturais levam à felicidade. Essas experiências contribuem para que a pessoa encontre o seu sentido na vida, que seja protagonista e assim, um agente de transformação social (Furter, 1968).

Esse é também um olhar da Pedagogia Social, que demonstra caminhos para uma educação emancipadora e libertadora. “Um espaço em que a força, luta e reivindicações das camadas populares são evidenciadas cotidianamente, demonstrando o poder da coletividade, da cooperação e da comunidade” (FROSSARD; 2017, p. 196).

O jovem educando, tem sua história de vida, com experiências e vivências que precisam ser exploradas e incentivadas. Muito aprendo com essas vivências, apresentadas nas concepções de Freire como “saber de experiência feito” Uma pedagogia não só de ensino e aprendizagem, mas que o faça se sentir um ser humano na sua integralidade, com seu projeto de vida sendo renovado e que o aprendizado, e as novas descobertas, sejam permanentes.

Ao escrever um breve relato sobre minha história, procuro demonstrar o poder de transformação da educação em minha vida. Hoje, meu maior desafio enquanto educadora, é refletir sobre a realidade desses jovens em situação de vulnerabilidade social e como uma atuação profissional e humanizada pode fazer diferença na vida deles. Acolher, mostrar possibilidades e caminhos, diante da desigualdade que os cerca. São muitas histórias de sucesso, outras nem tanto e muitos caminhos a percorrer.

A hipótese previamente levantada era que jovens com acesso e oportunidade de pensar no seu projeto de vida através da educação teriam mais oportunidade de crescimento e se sentiriam mais fortes para enfrentarem os desafios e obstáculos que ocorressem. Reconhece-se a educação como um dos principais instrumentos para a diminuição da desigualdade social de um país, pela oportunidade de crescimento profissional, conhecimento dos direitos e do seu papel como cidadão.



Esta experiência confirma como os Direitos Humanos quando se relacionam às práticas de Pedagogia Social contribuem com a conscientização dos direitos, e como soluções educacionais inclusivas contribuem para resolução de conflitos, socialização e acolhimento, na busca por um aprendizado significativo. Podemos afirmar ainda, como as atividades relacionadas aos projetos de vida são importantes para o autoconhecimento, para a identificação das habilidades e competências, bem como, para contribuir para o entendimento do sentido de existir e de fazer a diferença no mundo.

Por fim, concluo minhas considerações, com um forte sentimento de esperança e desejo que os jovens, principalmente das favelas e periferias, tenham oportunidades e escolhas, que o permita construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história. (Freire, 1980, p. 39). E daqui continuo na luta, acreditando na educação e no protagonismo dos jovens.

## REFERÊNCIAS:

- ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005, 448 pp.
- ARAÚJO, M. M. ; FROSSARD, A. A.; BRANDÃO, F.; MARTINS, F.; SILVA, J. **Diálogos interculturais e pedagogia social: novas perspectivas à formação docente** (p. 219 a 237) In: SANTIAGO, M. C.; AKKARI, A. (Org.). **Formação de professores: perspectivas interculturais.** Rio de Janeiro: Autografia, 2017. v. 1.

ARAÚJO, Ulisses F. Apresentação à edição brasileira do livro **O que o jovem quer da vida?**

DAMON, William. São Paulo: Summus, 2009. Disponível em:  
[https://alfredoreisviegas.files.wordpress.com/2017/07/damon\\_oqueojovemquerdavida\\_resumo\\_2013.pdf](https://alfredoreisviegas.files.wordpress.com/2017/07/damon_oqueojovemquerdavida_resumo_2013.pdf). Acesso em: 10/10/2022.

BOURDIEU, Pierre. **Capital Cultural, Escuela y Espacio Social**. México: Siglo Veinteuno, 1997. 2019.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1984. 4ª edição.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Aspectos conceituais da vulnerabilidade social**. Brasília: MTE, 2007.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. BRASIL. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 08/10/2022.

CIESPI. **Cartografia: Histórico da Rocinha**. Rio de Janeiro: Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância / Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (CIESPI/PUC-Rio), 2010. Disponível em: <<http://www.ciespi.org.br/Cartografia/Historico-Rocinha-1038>>. Acesso em: 15/05/2020.

**Conceito de Pedagogia Social**. Disponível em: <https://conceitos.com/pedagogia-social/>. Acesso em: 11/09/2022.

DIÓGENES, Glória. **ViraVida: Uma virada na vida de meninos e meninas do Brasil**. Brasília: Sesi, 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1986.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FURTER, Pierre. **Educação e Vida.** 6<sup>a</sup> edição. São Paulo: Cortez, 1968.

\_\_\_\_\_. **Educação Permanente e Desenvolvimento Cultural.** São Paulo: Cortez, 1974.

GRACIANI, Maria Stela Santos. **Pedagogia Social.** São Paulo: Cortez Editora, 2014.

GROOPPO, L. A. **Juventudes e educação sociocomunitária: roteiros de investigação.** EccoS - Revista Científica, São Paulo: 2013, n. 32, p. 51-66.

OXFAM BRASIL. **A distância que nos une: Um retrato das desigualdades brasileiras.** Rio de Janeiro, 2017. <https://oxfam.org.br/um-retrato-das-desigualdades-brasileiras/a-distancia-que-nos-une/>. Acesso em: 22/04/2020.

SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA. Conselho Nacional. **Tecnologia Social ViraVida.** Componentes: 1. Articulação e Mobilização, 2. Inserção e Acolhimento, 3. Processo Socioeducativo, 4. Inserção Produtiva. SESI-CN: Brasília, 2014.

SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo César R. **Juventude e Políticas Públicas no Brasil.** Revista Brasileira de Educação, set/out/nov/dez, nº 24, 2003.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** 18 ed. São Paulo: Cortez, 2018.